

Epilogando: A sexualidade masculina tem padrão ou patroa?

Chegamos na parte final dessa segunda edição de *Pollerudos* (cuja tiragem de mil exemplares se esgotou no primeiro ano de circulação). Além de acrescentar outros relatos e o comentário de Cristina Corea como posfácio, decidimos botar um prólogo (como o leitor já deve ter notado), e um epílogo.

Alguns atos sintomáticos comuns a todos, ou quase todos casais heterossexuais podem servir de ponto de partida para nossa pretensão, neste epílogo, de condensar e desenvolver os conceitos principais que o desenrolar do livro esmiúça, e algumas formulações que o mesmo nos permitiu encontrar e re-encontrar.

Os referidos *atos* costumam se alternar: 1) Ele grita com força: *Onde está meu lenço azul?* Este se acha na frente do seu nariz, no lugar onde sempre estive. Assim pode acontecer com as cuecas, as meias, a agenda, o celular ou qualquer outra coisa. 2) Ela, mexendo com desespero nesse mundo que se encerra na sua bolsa, diz suplicante: *Não encontro a chave*. Ou o lenço, os documentos, ou qualquer outro habitante desse reduzido recinto. No momento em que se prepara para sair, costuma complementar

essa cena se queixando de que tudo lhe cai mal e não tem roupa. Ambos os atores costumam se alternar, quando, já fora, notam que algum deles esqueceu de algo, e tem de voltar para buscá-lo. Não é preciso lembrar aos leitores que essas cenas tão comuns, em geral originam discussões bobas. Às vezes, grandes brigas.

Como podemos apreciar, todas possuem um elemento em comum: alguma coisa falta. É claro que em espaços diferentes. No homem, afastados do corpo e “sob responsabilidade da esposa”. Na mulher, colados ao corpo, metonímicos, quase fazendo parte dele. É raro que ela ponha a culpa no homem pelo que não encontra. Em troca, é habitual que ele a culpe do que não acha. Ao mesmo tempo, ela pode acusá-lo *pelo que não traz para casa. Especialmente, dinheiro*. Ele responderá: *Ela é muito gastadora*.

De uma maneira ou de outra, o que falta (às vezes com a forma significativa do que sobra, por exemplo, quilos) funciona como causa de desencontros e encontrões na economia libidinal do casal. Isso tem de ser assim, fatalmente? É uma experiência geral, e também particular, que se desejamos pelo que falta, “sabe-se” que há ausência porque, de algum modo, se supõe que algo poderia estar presente. Para dizê-lo por meio de um exemplo prático: nas massas famintas de alguns lugares da Ásia ou da África, uma porção diária de arroz é uma enorme conquista; já para um operário alemão, uma afronta. Se, para o africano é a presença presente do que até aquele momento esteve ausente, para o europeu é a presença do ausente. Para o primeiro, é o que vem daquilo que não estava. Para o segundo, o que *reapresenta* tudo o que não se faz presente, o que falta do que estava. Para o primeiro, é uma realidade que temporariamente apaziguará os significantes do que não está; para o segundo, será o significativo que fala do que perdeu. O primeiro agradecerá, o segundo protestará.

As formulações de Lacan, *não há relação sexual* e *A mulher não existe* foram entendidas como ofensivas para as mulheres. Nada disso. O que querem dizer é que a afirmação

EPILOGANDO

universal das crianças pequenas, de que os homens têm pênis e as meninas não, instala-se como saber sexual inconsciente. Por não encontrar valor significativo para a vulva (à qual elas e eles costumam chamar de *rabo*, que é o que têm em comum), menos o supõem para a vagina, que se apresenta a eles ignorada ou confundida com o ânus. “Saber” que, ao dar ao pênis o valor de representante da classe dos homens e ao não encontrar o que represente a das mulheres fora do negativo (*não tem pênis*), não pode estabelecer relação. Para que isso pudesse ter sido possível, era preciso ter sido possível inscrever: pênis = representante do homem, x = representante da mulher. Ao não encontrar um significativo que, generalizando, tome o lugar desse x , as mulheres ficam sem um representante no Inconsciente que defina a mulher em geral. Por isso, as mulheres têm tanto cuidado com sua apresentação particular. Enquanto isso, os homens tendem, exceto alguns, a *ser descuidados*, como elas dizem.

Todavia, por que a apresentação, naquela idade, tem de ter sido vista, ouvida ou tocada? Vejamos:

1) A linguagem, em sua vertente de sentido (significado) é tributária de uma estrutura binária. No Imaginário (o registro do sentido, da imagem, do significado) o que vigora é $+/-$, *há/não há*, *negativo/positivo*, *sim/não*;

2) A modalidade infantil de perceber que as mulheres não têm pênis é um resultado imaginário. Efeito de que a experiência do corpo próprio, com respeito aos genitais (em particular os femininos), não pode *ser consumada*, pelo menos até a puberdade. Não se constata, então, a percepção da vagina (complementar natural, mas por esse processo, não-simbólica do pênis). O Inconsciente, cujos *fundamentos* se constituem nos primeiros anos da vida, inscreve como significativo, nesses tempos, o cruzamento das palavras com o verificável pelos sentidos. Na ocasião, por ficarem excluídos os sensoceptores genitais, tal constituição se produz apenas baseada na visão.

3) Daí que Lacan dê a essa suposição de pênis – que as crianças logicamente imaginam nas mulheres e não encontram – o nome de falo imaginário (- ϕ).

4) A vertente da linguagem que se desliga da percepção é a do significante, com sua capacidade de significar não apenas por identidade perceptiva (ponto a ponto, especular e imaginariamente), mas abrindo novos sentidos pelas vias combinatória e de substituição metafórica com o acréscimo de sentido, criatividade, invenção, e capacidade de perfurar o real. Mas faz isso, paradoxalmente, porque seu potencial é sempre parcial, castrado, pela incapacidade de representar a si mesmo e de recobrir o real. Por isso se acha exigida, para seu cumprimento, a interação com os outros significantes.

5) Respondendo, então, à pergunta prévia a estas pontuações, com efeito, como diz Saussure em uma de suas definições sobre o significante, ele é *a presença de uma ausência*. O que exige que o ausente, de algum modo, logicamente tenha sido reconhecido antes como presente para que se possa representá-lo em sua ausência.

Então, o falocentrismo da sociedade patriarcal reforçou, *mas não criou*, aquilo que produz por depender da linguagem em sua intersecção com o corpo: *a estruturação do ser falante, com sua discordância de tempos constituintes entre as funções naturais do soma e sua apreensão pelo significante*.

Daí as eternas discussões sobre o que falta nos casais serem sustentadas por essas raízes inconscientes, e não apenas pelos fatos ocasionais que as deflagram.

Na verdade, reconhecem como condição última que a verdadeira castrada (pelo que nos referíamos anteriormente) é a linguagem, já que está condenada a ficar sempre em falta para sustentar a gestão dos problemas reais que a vida apresenta. Assim, todos – homens e mulheres – são castrados, embora o imaginário seja incapaz de reconhecê-lo assim. Pelo contrário, leva-nos a atribuir ao outro, ao que se opõe a nós como espelho,

EPILOGANDO

tudo o que produz mal-estar. A carência e seu resultado, o desencontro (para Lacan, mau encontro, encontro falho) não encontra outra solução senão atribuindo-se culpas, pelo menos no Imaginário ocidental judaico-cristão e muçulmano, tal como propusemos no primeiro capítulo. Daí as tolas desavenças pelo que não se encontra, pelo que falta.

Mas o Imaginário promove outros mal-entendidos, na crença de que eles têm e elas não:

1) as mulheres são frágeis e os homens fortes;

1.1) a reação feminista no meio disso: “somos todas/os iguais, que só há diferenças de gênero”¹;

2) eles têm o poder, e elas são as submetidas;

2.1) da referida reação deriva também a crença feminista de que as mulheres são *mais iguais* que os homens;

3) elas devem ser salvas, e eles devem ser os salvadores.

Das crenças 1 e 2 derivam: *O cuidador, O rapaz, Super-homem, Presente do céu, Jovem pai, O senhor Bom-dia, O pagador, Pobre minha mãe querida, Sem anestesia, o Doutor Cerisey, Belle de jour, trabalhadora sexual, e O cantor de igrejas.*

Da recusa, parcial ou total das mesmas, enquanto acreditam *complementá-las*, provêm: *Toco, O especialista de senhoras, Quando o falo é uma merda para o sujeito e, até certo ponto, O cantor de igrejas, Um empate para reencontrar um pai*, os obsessivos em geral, e parte dos homossexuais. Da reação feminista: *as Lorena Gallo* (reais ou imaginárias) e sua contrapartida, *os Bobbitt (John Waynes brutais, ou Cuidadores apiedados)*. Da tentativa de esquivar, por via da renegação e da recusa, essa problemática: a propensão ao *unissex*, ao *Pai tecnológico* e à *malandragem*. A crença 3, encontramos em todas

¹Veja-se o excelente artigo inédito de Cristina Corea: “La mujer: género o qué”. (N. do A.)

as versões; por isso mesmo nos interessa analisá-la um pouco mais, sem esquecer que está profundamente articulada com as crenças 1 e 2.

No apogeu da sociedade patriarcal, talvez tenha ocorrido algo do que dizem essas versões. Embora não devamos esquecer que nessa época (Josefina e Napoleão) surgiu o dito: *Atrás de todo grande homem há uma grande mulher*. O “atrás” é ambíguo. À sua sombra? Qual de qual? Não esqueçamos que atrás do títere está o manipulador. Também atrás do mestre, o súdito, o que significa que é aquele que vai em frente. Acorre à nossa memória a palavra de ordem mais presente nas paredes cubanas em 1987: *Avante, comandante Fidel, nós somos sua retaguarda certa*. Mas é certo que, a partir do ingresso maciço das mulheres na produção e circulação de mercadorias, algo mudou. Por exemplo: nos usos da linguagem daquela época, as senhoras, quando se dirigiam ao marido, diziam *meu senhor*, com o qual se ofereciam como propriedade. Hoje, isso não se ouve. No melhor dos casos dizem *meu gordo*, com o que se declaram proprietárias de um atributo que pode predicar um *sujeito masculino*, um porco, ou uma ilusão de Natal². Em troca, os homens continuam dizendo *minha senhora*. Pode-se dizer tratar-se de um indício de que tomam a mulher como propriedade, e não que se oferecem a ela em tal condição. Entretanto, algumas outras variações na língua pareceriam orientar mais neste último sentido. É comum, em nosso país, que a chamem diretamente: *a patroa*. Lacan relata, no seminário *Mais, ainda (Encore)*, que na França a chamam *minha dona*. Também atraem a atenção os distintos efeitos de sentido que se produzem na esposa e no esposo, os substantivos que mais se utilizam para designar o estado matrimonial. Esposo alude claramente a homem casado. Em castelhano, esposa permite dois sentidos: mulheres casadas e algemas. *Esposar* e *desposar*, dois significantes que por suas letras deveriam ser antônimos, funcionam como sinônimos para indicar o ato de casamento. Além disso, se estende o hábito, como

²Na Argentina, se chama de “gordo” o prêmio maior da loteria de Natal. (N.do A.)

EPILOGANDO

expressão de não-submissão, de não usar o sobrenome do marido. É a partir dessas mensagens da *Alíngua* (neologismo com que Lacan aludia ao atravessamento da língua, em sua criação de formações novas, pelo desejo, pelo gozo e suas encarnações no sujeito) que voltamos à questão do título: “A sexualidade masculina tem patrão ou patroa?” Respondemos sem hesitações, pelo menos para nossa época: tem patroa, sim, como cremos que nos demonstram experiências como as relatadas no capítulo “Papai e mamãe”. Como conseqüência, um pouco mais, um pouco menos, todos os homens ficam debaixo das saias [polleras], as da mãe em primeiro lugar, e somos mais ou menos filhinhos delas [pollerudos]. Lembremos de Paul Lorenz, o *Homem dos ratos*, de Freud, e sua cena debaixo das saias da mamãe, em posição de ser *seu* falo. Ademais, é tão lindo estar *realmente* debaixo das saias das mulheres que... *Meu reino por uma dama!* É uma pena não aproveitarmos para deixar de ser os esforçados Apolos hercúleos que sustentam o mundo! Mundo que costuma se reduzir, para nós, à *patroa!* Embora, para dizer a verdade, aqueles homens que se apóiam *nas* e vivem *das* mulheres (de quem acabam sendo o *complemento*, delegando a elas, pela negativa, o atributo fálico) costumam aparecer como mais filhinhos de mamãe do que os que tomam para si, *responsavelmente* (ufa!) seu *ofício* de homens. Em conseqüência, é impossível não ser dependente, fato que causa na maioria dos homens o desejo de não sê-lo. É que o Outro sexo, como Lacan estabelece em *Mais, ainda (Encore)* é a Mãe, enquanto – como propunha Freud – é por apoio nela, ou em quem tenha exercido sua função, que os seres falantes se criam e se erotizam. Disso decorre também que todas as mulheres sejam filhinhas de mamãe. Suas paixões mais fortes se desenvolvem positiva e negativamente com a mãe e a sogra. Freud já notava que, no caso de muitas mulheres casadas duas vezes, na primeira tinham contraído núpcias com um homem cujas características facilitavam que lhe fosse transferida a imagem materna; e na segunda, a paterna. Porém, deixemos para outro trabalho desenvolver a tendência feminina a serem filhinhas de mamãe – claro que sem perder de vista que, pelo menos em nossa cultura, as saias caem melhor nas mulheres do que nos homens.

A suposição da castração nas mulheres convoca os que se postulam como homens a se propor uma função fálica, impossível de cumprir.

Seriam então as relações entre homens e mulheres todas *frustrantes*?³ Não. Também existe o amor. É certo que não é fácil encontrá-lo e quando o encontra, é fácil perdê-lo. É impossível, mas nem sempre. Como contingência, se conseguem escrever algumas belas páginas com ele, e, mesmo atravessando perigosas turbulências, boa parte do livro de uma vida.

Suas condições de possibilidade dependem, paradoxalmente, da mesma castração explicada anteriormente em outros parágrafos, e que afeta a todos. Ao sermos carentes, desejamos. Mas o desejo, por sua própria estrutura, sempre deseja outra coisa que não o que o sujeito acredita. Por- que o que se consegue, enquanto é impossível conhecer o quê se deseja, não é o que ilude. Nesse ponto, às vezes, de maneira bastante misteriosa, o desejo se engana, crê ter encontrado o objeto que supunha buscar. Nesse ponto o amor faz *flash*, signo. Bendito *flash*! O engano mútuo consiste, como estabelecia Lacan, em *dar o que não se tem àquele que não o é*. Engano frutífero quando é verdadeiro, quando surge do fundo do coração, e não do duplo engano que resulta de raciocínios sisudos. Duplo engano, que funciona logicamente como dupla negação, deixando a nu a verdade maldita (mal dita) do desencontro. Também pode ocorrer de o amor surgir somente como resultado de algum brilho fálico que deslumbre cada um no outro. Aí a crença é que vai se *tomar* do outro aquilo do qual se carece, e que um é para o outro o que lhe falta, haverá complementaridade, relação sexual⁴. Na maioria dos casos, está condenado a um fracasso mais ou menos rápido. Só é preciso certo tempo para que tais brilhos se apaguem ou se sobrecarreguem. O mito de Aristófanes (no qual os seres andróginos, partidos ao meio em sua bissexualidade pela espada

³[No original, *pálidas*] Argentinismo para indicar “más notícias”. (N. do A.)

⁴No sentido matemático do significante “relação”, e não no modismo que alude a fornicar.

EPILOGANDO

de Zeus, buscam desde então a sua outra metade) esclarece que o achado faria um só corpo. Em conseqüência, estamos – no terreno do amor narcisista – naquele lugar em que a ilusão de completude leva à alienação total e ao sentimento de ser só um. O verdadeiro amor é o da verdadeira mãe (como vemos, a mãe está sempre presente). Aquela que, no juízo salomônico, prefere suportar a perda de seu objeto, sabê-lo gozado por outra, que vê-lo morto para o amor de ninguém. Não são muitas as mulheres, nem os homens, que conseguem amar assim, mas a quem isso *ocorre*, mesmo na dor, sente verdadeiramente o amor e o desfruta, não obstante as adversidades.

Efeitos da articulação borromeana para uma organização psicanalítica

Pode ter chamado a atenção dos leitores que tenhamos utilizado muito pouco significantes como obsessivo, histérico, e nenhuma vez, fóbico. Em troca, apareceram *Filhinho de Mamãe*, *Cuidador*, *Super-homem*, *Presente do Céu*, *Toco*, *Senhor Bom-dia*, *Perdedor*, *Pai tecnológico*, etc. Para alguns não demos nome. Por exemplo, àquele que por crer que o *cagalhão é um falo* se faz merda e ao protótipo de “Papai e mamãe”. Sabe-se, porém, o que qualquer coleguinha diria deles: “filhinhos da mamãe”. Igual ao caso do *anestesista*, que nem por isso perderia seu significante nominativo e adjetivo. Quando o fizemos, foi sem pensar. Primeiro falamos. Mas depois procuramos significar o que nos saiu, e parece que reabrimos um caminho interessante. Como muitas coisas na psicanálise, visitadas previamente por Freud.

Na introdução de *Uma neurose demoníaca no século XVII* (1922 [1923])* , ele diz: “As neuroses da infância nos mostraram que nelas se conhece sem trabalho, à simples vista, muito do que mais tarde só é possível discernir mediante uma investigação

*Em *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, vol. XIX, 1976. (N. do E.)

exaustiva. Esperamos algo semelhante das doenças neuróticas de séculos anteriores, e *assim ocorrerá, com efeito, contanto que estejamos preparados para reconhecê-las sob rótulos diversos das nossas neuroses de hoje*. Não espanta que as neuroses dessas épocas antigas se apresentassem com *uma roupagem demonológica, dado que as de nossa época psicológica surgem com uma roupagem hipocondríaca, disfarçadas de doenças orgânicas*”.

A esperança de que as doenças neuróticas de séculos anteriores permitissem conhecer mais sobre as atuais levou Freud a uma observação sagaz. As neuroses se apresentam com *roupagens* de acordo com as crenças hegemônicas de cada época. Há um aspecto das mesmas, que tem a ver com sua roupagem imaginária, que varia segundo os tempos. Nesse sentido, parece-nos muito adequado, do ponto de vista da psicanálise, que a representação dos sujeitos (registro imaginário) resulte do que seu discurso e o da rua *dizem* deles. Na formulação de Lacan, no grafo da subversão do sujeito, pelo significado do Outro.

Em compensação, no simbólico, nos parece melhor situá-los segundo o discurso no qual se articulam, a posição em que o fazem e a falha pela qual entram em seus giros – não sem levar em conta as vias habituais de se articular realmente aos mesmos. Ou seja, aquilo que Lacan chamou de *sinthoma* (*sinthôme*): para o homem, a mulher que o suporta, e aquela produção que o articule socialmente em função de seu desejo, suas limitações e potencialidades simbólicas. O real, obviamente, não aceita ordem nem representação.